

JOAKIM
ZANDER



NADADOR

UM *THRILLER* IMPOSSÍVEL DE PARAR DE LER

O
NADADOR

Joakim Zander

Tradução de Alexandre Raposo



Copyright © Joakim Zander 2013
Publicado mediante acordo com Ahlander Agency.

TÍTULO ORIGINAL EM SUECO

Simmaren

Traduzido da edição britânica (*The Swimmer*)

PREPARAÇÃO

Lilian Braga

REVISÃO

André Marinho

DIAGRAMAÇÃO

Ilustrarte Design e Produção Editorial

DESIGN DE CAPA

kid-ethic.com

FOTO DE CAPA

Getty Images

ADAPTAÇÃO DE CAPA

Aline Ribeiro

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO.

SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

Z31n

Zander, Joakim

O nadador / Joakim Zander ; tradução Alexandre Raposo. - 1. ed. -
Rio de Janeiro: Intrínseca, 2016.
320 p. ; 23 cm.

Tradução de: The swimmer

ISBN 978-85-8057-863-8

1. Romance sueco. I. Raposo, Alexandre. II. Título.

15-27398

CDD: 839.73

CDU: 821.113.6-3

[2016]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA INTRÍNSECA LTDA.

Rua Marquês de São Vicente, 99, 3º andar

22451-041 Gávea

Rio de Janeiro – RJ

Tel./Fax: (21) 3206-7400

www.intrinseca.com.br

Para Liisa, Milla e Lukas

“Ao nosso redor, a loucura dos impérios continua.”

JANE HIRSHFIELD

Julho de 1980

Damasco, Síria

Toda vez que a abraço é a última vez que eu a abraço. Soube disso desde o primeiro momento. E, quando você voltou e segurei nossa filha em meus braços insones, tudo que pude pensar foi: “Esta é a última vez.”

Você me olha, olhos tão puros quanto uma promessa de chuva, e sei que você sabe. Sei que sabe há tanto tempo quanto eu. Minha traição. Hoje à noite, a traição está tão perto que nós dois podemos sentir sua respiração fétida, o ritmo irregular das batidas do seu coração.

A bebê choraminga no berço. Você se levanta, mas chego lá primeiro e ergo a criança. Abraço-a junto ao meu peito. Sinto sua respiração, sinto seu coração acelerado sob o fino e leve cobertor azul tricotado por sua mãe. Esse coração é o meu coração, e não há nenhum modo convincente de explicar o ato de abandonar o próprio coração. Apenas disfarces a assumir. Apenas vários níveis de mentiras a contar — duas coisas que eu, melhor que ninguém, consigo dominar.

A cidade está mais do que quente. Após dois meses de seca implacável, tudo brilha como lava. Quando a noite finalmente chega, a cidade deixa de ser cinza ou bege e torna-se transparente, trêmula como gelatina. Ninguém aqui pensa com clareza. Tudo cheira a lixo. Lixo, fumaça de canos de descarga, alho e cominho. Mas sinto apenas o cheiro de minha filha. Fecho os olhos e inspiro profundamente, o nariz pressionando o alto de sua cabeça quase sem cabelos. Ela ainda está quente. Muito, muito quente. A febre se recusa a ceder.

Você me diz que é o terceiro dia. Ouço você vasculhar as gavetas à procura de analgésico ou qualquer coisa que possa encontrar. É o calor. Está nos levando à loucura. Sabemos que não tenho nada disso aqui no meu apartamento, na minha miragem. Por que estamos aqui, afinal de contas?

— Me dê as chaves do carro — você diz.

Faz um gesto com a mão, como se fosse um vendedor de bazar exigindo dinheiro. E, quando hesito:

— Me dê a droga das chaves.

A voz soa uma oitava mais alta, um tom mais desesperado.

— Não, espere... Não é melhor se eu... — começo a dizer.

A bebê se encontra completamente imóvel junto ao meu ombro. Sua respiração está tão fraca que é quase imperceptível.

— E como diabo você planeja entrar na embaixada? Como? Com certeza você percebeu que precisamos de algo para baixar a febre, não é?

Relutante, pego as chaves no bolso. Ao equilibrar a criança contra o peito, elas escapam da minha mão, caindo com um barulho irritante no chão de mármore do corredor. “O calor chega a abafar o som”, penso. Atrasa-o, retarda-o. Nós nos abaixamos para pegá-las. Por um instante, nossos dedos se roçam e os olhares se cruzam. Então você pega as chaves, se levanta e desaparece, os passos ecoando escada abaixo. Você deixa para trás apenas o som abafado de uma porta batendo.

Fico com a bebê em uma nesga de sombra na varanda, de frente para a rua. Uma lembrança de brisa toca meu rosto. O calor dificulta a respiração. No ar: fumaça de canos de descarga, cominho. O que aconteceu com os jasmims? Outrora esta cidade cheirava a jasmim.

O medalhão que você me deu, antes de as coisas se transformarem em calor, febre e fuga, queima o meu peito. O medalhão que um dia pertenceu à sua avó e à sua mãe. Penso em deixá-lo aqui. Penso em deixá-lo no aparador do corredor, o de jacarandá com incrustações de madrepérola que compramos juntos no bazar, quando nossa relação tinha menos de uma semana. Não sinto que tenha o direito de levá-lo comigo. Ele não me pertence mais. Se é que um dia já pertenceu.

Sei tudo que há para se saber a respeito de sobrevivência. Conheço cada rua desta cidade, cada cafeteria. Conheço cada bigodudo proprietário de antiquário com contatos suspeitos, cada vendedor de tapete fofaqueiro, o menino que vende chá com um enorme samovar às costas. Já bebi uísque importado com o presidente em salas enfumaçadas, ao lado de líderes de organizações que ele repudia oficialmente. O presidente sabe meu nome. Um dos meus nomes. Tenho estado em contato com o dinheiro, certificando-me de que ele acabe nas mãos dos que beneficiam os interesses que fui enviado para proteger. Se encontrar comigo, vai ver que falo sua língua melhor do que você.

Ao mesmo tempo: me mande para outro lugar. Jogue-me na selva, nas estepes, no lobby do hotel Savoy. Me dê um minuto. Vou me transformar em um lagarto, em folhas de grama amareladas, um jovem banqueiro usando terno risca de giz com o cabelo um pouco longo demais e um passado heterogêneo embora privilegiado. Conheço vagamente seus amigos da universidade, por causa de outras pessoas. Eles nunca se lembram de mim.

Você não sabe, mas sou muito melhor do que você. Mudo mais rápido. Eu me encaixo melhor. Tenho contornos mais indefinidos e um interior mais

sólido. Mantenho meus laços frouxos. Se estreitarem, eu os corto. E agora? Perdi minha concentração e deixei-os crescer além do meu controle, deixei-os endurecer, coagular. Laços de sangue.

O jogo dura para sempre, mas essa rodada terminou. Abraço com mais força a criança junto ao peito e caminho impaciente pelo chão de concreto. Quando imagens da morte me invadem, estreito os olhos com força e balanço a cabeça. Sussurro para mim mesmo: “Não, não, não...”

O rosto inchado no esgoto a céu aberto na estrada para o aeroporto. Aqueles olhos arregalados. As moscas no calor. As moscas.

“Não, não, não...”

Por que apenas não o ignorei? Eu já sabia de tudo. Por que convenci Firas a realizar outra reunião quando a pista já era bem quente, óbvia? Mas ainda era pouco consistente, muito difícil de acreditar. Eu precisava ouvir aquilo outra vez. Olhar de novo nos olhos nervosos de Firas para ver se havia algo escondido ali. Ver se algo sombrio apareceria em seu rosto quando ele, relutante, repetisse os detalhes uma última vez. Ver se seus tiques nervosos tinham aumentado ou desaparecido por completo. Todos esses sinais. Todas essas pequenas nuances. Todas essas coisas que compõem a linha quase imperceptível entre verdade e mentira, vida e morte. Fecho os olhos e balanço a cabeça enquanto a ansiedade e a culpa tomam conta de mim. Deveria ter sido mais esperto.

E agora não há tempo a perder. Um dos meus contatos alugou um carro, que está estacionado na esquina. Uma mochila com roupas, dinheiro e um novo passaporte me espera no porta-malas. A rota de fuga foi acionada, tatuada no interior das minhas pálpebras. É a única solução agora. Tornar-me névoa e, então, apenas ar. Tornar-me parte do cominho, do alho, do lixo e da fumaça de canos de descarga. E, talvez, em um dia bom, jasmim.

Ergo a bebê à minha frente. Fico aliviado ao ver que ela tem os seus olhos. Assim será mais fácil. Que tipo de homem abandona a própria filha? Mesmo que seja para protegê-la. Traição após traição. Mentira após mentira. Por quanto tempo a relatividade pode salvar a alma de alguém?

Sons da rua. Mais lentos, mais indolentes no calor. Vestígios de vozes que mal me alcançam no terceiro andar. Veículos rastejam — desidratados, esgotados — pelo concreto escaldante.

Em seguida, o som de um carro se recusando a pegar. Uma chave é girada na ignição, mas as velas não respondem. Uma vez:

Vrammmvrammmvrammm.

Caminho em direção ao sol, vou até o parapeito da varanda, protegendo a criança. É como entrar em uma banheira muito quente. O suor escorre pelo meu rosto, minhas axilas; as costas e o peito já estão completamente encharcados. Eu me inclino sobre o parapeito e meu olhar encontra o velho e enferrujado Renault verde do outro lado da rua. Pensamentos passam pela minha mente. Quão feliz fiquei ao encontrar aquela vaga em particular. Como imaginei, o carro acabaria estacionado ali por semanas, meses. Como se talvez um dia você finalmente fosse encontrar as chaves e usá-lo. Mas por que você se importaria com o carro?

O sol reflete na janela do carona. Mas, quando forço a visão, eu vejo você. O belo cabelo louro, os fios escorridos e oleosos por causa das noites insones e pela escassez de água. Curvada para a frente, o rosto franzido de irritação, preocupação, dor de cabeça, e a mente a mil. Acho que você é a coisa mais bonita que já vi, e esta é a última vez que vou vê-la.

Você gira a chave na ignição mais uma vez:

Vrammmvrmmmmvrmmmm.

É o sinal. Um dos sinais. Um dos milhares de sinais que aprendi a reconhecer em prol da minha sobrevivência. E sei que é tarde demais. Essa percepção toma conta de mim. Medo da morte, desespero, culpa, culpa, culpa. Tudo isso no tempo que um nervo leva para responder à dor.

No momento em que a explosão rasga meus tímpanos, já estou deitado no chão da varanda. A explosão não é abafada, nem silenciada pelo calor. É horrível, majestosa. É uma batalha inteira condensada em um único momento. Sinto milhares de pequenas partículas, muito leves, muito afiadas, me cobrirem como cinzas. Vidro e o que devem ser fragmentos da fachada de concreto, pedaços de metal.

Depois, tudo fica completamente em silêncio. Parece que estou deitado sob um cobertor de vidro, concreto barato e aço enferrujado. Imagino que devo estar sangrando. Acho que, se estou pensando, devo estar vivo. Acredito que meus braços estão aqui em algum lugar, posso senti-los sob o concreto. Pergunto-me o que estou segurando. Em cima do que estou deitado? Consigo me virar de lado. Concreto e vidro rangem ao meu redor. Tento me sentar com cuidado e me apoio em um cotovelo, que parece responder ao meu sistema nervoso.

A criança está embaixo de mim, minhas mãos firmemente pressionando seus ouvidos. Ela pisca para mim e inspira levemente, febril. Nem mesmo um caco de vidro a atingiu.

8 de dezembro de 2013

Uppsala, Suécia

Mahmoud Shammosh não era aquele que você poderia chamar de paranoico. Ao contrário. Se alguém perguntasse, ele se descreveria como o extremo oposto. Racional. Acadêmico. E, acima de tudo, estável.

Mahmoud jamais acreditara nas alegações de alienação ou nas conspirações que foram tão comuns em sua juventude nos conjuntos residenciais de Estocolmo. Aquilo era para adolescentes, jihadistas e conspiradores. Não foi encontrando desculpas que ele conseguiu emergir do concreto e da desesperança do subúrbio, passando por tudo aquilo e muito mais, até conseguir ser aceito no doutorado da Universidade de Uppsala. Se ele tinha certeza de alguma coisa era que, em nove entre dez casos, a explicação mais simples era a correta. A paranoia era para os fracassados.

Com um puxão, soltou sua bicicleta Crescent enferrujada do suporte em frente à biblioteca Carolina Rediviva. Tempos atrás, ela fora azul e brilhante. Mas apenas os calouros tinham bicicletas bonitas em Uppsala. Os veteranos sabiam que elas seriam roubadas na primeira semana. A bicicleta de Mahmoud oscilava em uma linha tênue entre a camuflagem perfeita e a completa inoperância.

Ele deu algumas pedaladas e depois deixou que o declive até a cidade fizesse o restante. Após quase sete anos em Uppsala, ainda adorava descer a Drottningatan com o vento em seu rosto. O ar batia frio como gelo nos nós das mãos. Lançou um olhar involuntário por sobre o ombro.

Os postes de luz na colina que levava até a biblioteca brilhavam, solitários e melancólicos, na escuridão de início de dezembro. Ninguém o seguia.

O balcão da recepção da Faculdade de Direito, localizada na praça Gamla Torget, brilhava com a decoração natalina. Até mesmo no domingo eles mantinham a árvore de Natal e as velas do Advento acesas, mas o corredor do terceiro andar estava escuro e silencioso. Ele abriu a porta de seu pequeno e bagunçado escritório, entrou, acendeu a luminária da mesa e, em seguida, ligou o computador.

De costas para a janela, ele se sentou em sua cadeira, afastando dois livros sobre privatização das funções do Estado e direitos humanos. Em breve, se

tudo corresse como planejado, ele também seria o orgulhoso autor de uma obra sobre o mesmo tema. *A privatização da guerra*. Esse era o título de sua tese. Ele já escrevera metade dela.

O que ele tinha elaborado até então era, na verdade, muito tradicional. Provavelmente continha mais trabalho de campo do que o habitual para uma tese de doutorado em direito. Mas esta era a ideia: algo moderno, interdisciplinar. Ele entrevistara cinquenta funcionários de diversas empresas norte-americanas e britânicas instaladas no Iraque e no Afeganistão. Empresas que executavam funções que costumavam ser realizadas por exércitos: tudo, de transporte e suprimentos, até diferentes tipos de serviço de guarda e mesmo combate efetivo.

No início, ele esperara por um furo, uma Abu Ghraib ou uma My Lai. Pretendia tornar-se o acadêmico que revelaria crimes relevantes e terríveis. E seus antecedentes eram uma vantagem, ele sabia disso. Mas Mahmoud não descobrira nada de espetacular. Apenas fizera um bom trabalho de pesquisa e catalogação das empresas e das regras para publicar um artigo no *European Journal of International Law* e um resumo no *Dagens Nyheter*, o maior jornal diário da Suécia. Depois disso, veio uma inesperada entrevista à CNN em Cabul, o que proporcionou convites para conferências e simpósios internacionais. Não era um furo, mas tinha o doce gosto do sucesso iminente.

Isto é, até ele receber a mensagem.

Mahmoud ergueu uma pilha de cinquenta folhas da mesa e suspirou: seu capítulo mais recente. A primeira página já estava repleta de comentários rabiscados em vermelho. Seu oficial da reserva do Exército, transformado em orientador acadêmico, percebera cada tentativa de simplificar a análise do material. Lysander, com seus ternos cinza e cigarros franceses, era uma lenda na faculdade, e Mahmoud já o temia quando era estudante. Não tinha menos medo agora, que o homem basicamente era seu chefe. Ele sentiu um peso no coração e baixou a pilha de papel. E-mails em primeiro lugar.

O velho computador fez um barulho quando Mahmoud tentou abrir o programa de e-mail, como se protestasse por trabalhar em um domingo. O equipamento de informática do departamento estava longe de ser novo. Mas aquilo era um símbolo de status. Você não veio para este departamento por causa de suas instalações modernas. Você veio pelo oposto: quinhentos anos de tradição.

Mahmoud olhou pela janela para a escuridão de dezembro do lado de fora. O escritório podia ser pequeno, mas tinha uma das melhores vistas de

Uppsala. Em primeiro plano, havia o rio Fyris e a casa que Ingmar Bergman usara em *Fanny e Alexander*. Qual era mesmo o nome do lugar? The Academy Mill? Mais atrás, a catedral e o castelo iluminados pareciam quase fantasmagóricos em toda a sua imaculada alta burguesia acadêmica.

Finalmente o computador cedeu e permitiu que Mahmoud acessasse suas mensagens. Apenas um novo e-mail, sem assunto. Não era de estranhar, já que verificara a caixa de entrada havia apenas quinze minutos na biblioteca. Ele estava prestes a excluí-lo e marcá-lo como spam quando viu o endereço do remetente. Trooper00@hotmail.com.

Mahmoud sentiu o coração disparar. Era a segunda mensagem que recebia daquele endereço. O primeiro e-mail veio logo após sua viagem mais recente ao Afeganistão e era o motivo de sua relutante paranoia nas últimas semanas.

A mensagem fora breve, em sueco, e obviamente havia sido enviada por alguém que estava no Afeganistão:

Shammosh,

Vi você na CNN há alguns dias. Parece que anda muito sério ultimamente. Podemos nos encontrar em Cabul? Tenho informações que são de interesse de nós dois. Seja cuidadoso, você está sendo vigiado.

Determinação, coragem e resistência.

Aquele tom intimista. “Determinação, coragem e resistência.” Palavras familiares de outros tempos. Obviamente era alguém que o conhecia.

E o final: “Você está sendo vigiado.” Mahmoud desprezara aquilo. Rira. Devia ser algum amigo. Alguém estava apenas brincando. Logo ele receberia uma nova mensagem: “Hahaha! Peguei você!” Havia aspectos de seu passado que eram únicos em círculos sociais atuais, e, por vezes, aquilo era fonte de piada entre os novos amigos. Mas nada chegou além disso. Lentamente ele se tornou mais consciente de seu entorno. Apenas por segurança. Antigas rotinas e procedimentos sendo reativados, tomando conta de seu sistema. Métodos praticados anteriormente até se tornarem automáticos. Ficou surpreso de que ainda estivessem ali, latentes, aguardando.

Então, naquela mesma noite, ele viu. Um Volvo V70 comum. Cinza-burocrata. Estacionado sob um poste de luz apagado diante de seu pequeno conjugado no bairro de Luthagen. Mais tarde naquela semana, voltou a vê-lo ao sair do ginásio da universidade após o jogo de basquete semanal.

Fora o suficiente para que decorasse o número da placa, mesmo sem pensar ativamente naquilo.

Ele se voltou para o computador e abriu a nova mensagem. Será que agora a piada seria revelada? Jamais admitiria para o piadista que de alguma forma havia ficado abalado.

A mensagem estava em sueco.

Shammosh,

Entrarei em contato com você em Bruxelas. Precisamos nos encontrar.

Determinação, coragem e resistência.

Mahmoud sentiu o coração bater ainda mais rápido. Apenas seu orientador sabia que ele tinha aceitado um convite para discursar em uma conferência organizada pelo International Crisis Group na quinta-feira seguinte. Talvez fosse mesmo uma piada? O Volvo existia apenas em sua imaginação? Ainda assim... Em algum lugar de seu corpo, existia uma sensação familiar de excitação, uma pequena e quase imperceptível onda de adrenalina.

Ele balançou a cabeça. Talvez devesse apenas esperar e ver se alguém se aproximaria dele em Bruxelas. Contudo, tinha mais uma coisa a fazer antes de deixar o escritório, uma mensagem que precisava escrever. Alguém esperava havia muito tempo por notícias suas.

Klara Walldéen aparecera de súbito em sua vida, de modo completamente inesperado. Certo dia, lá estava ela o abraçando, a cabeça no ombro dele, as mãos em seu cabelo cada vez mais longo. Fora um período muito tumultuado em sua vida. Ele se sentia vazio e confuso, exausto e insone. Totalmente, completamente sozinho. E então, certo dia, lá estava ela à porta de seu apartamento sombrio e sem mobília.

— Eu já o vi em palestras — dissera ela. — Você é a única pessoa que me parece ainda mais solitária do que eu. Então, eu o segui. Parece loucura, não é mesmo?

Assim, sem dizer mais nada, ela passou pela porta e pousou sua solidão ao lado da dele. E Mahmoud deixou sua solidão ali, até que comesçassem a se fundir, até eles crescerem juntos. Até não serem mais solitários. Foi um alívio o fato de muitas vezes eles nem mesmo precisarem conversar. Assim como o fato de poderem apenas ficar deitados em seu colchão desconfortável

ou na cama dura e estreita de Klara em Rackarberget, ouvindo seu velho toca-discos portátil reproduzir um daqueles LPs de soul arranhados que ela comprava em mercados de pulga.

Não passava um dia sem que ele pensasse naquilo. Sobre como costumavam respirar do modo mais suave que podiam para não ferir a frágil membrana que os envolvia, enquanto os batimentos cardíacos se harmonizavam com o ritmo de “I’m So Happy”, de Prince Phillip Mitchell.

Ainda assim, desde o início ele sabia que aquilo não daria certo. Que havia algo dentro dele que não era suficiente, algo incompatível com o que ele e Klara estavam criando. Algo que ele guardava para si, bem no fundo, no canto mais recôndito de seu coração. Quando Klara foi aceita no mestrado da London School of Economics ao fim do curso de direito, eles juraram solenemente que iam se ver, que fariam aquilo funcionar, que a distância era irrelevante para uma relação tão forte quanto a deles. Mas Mahmoud já sabia que era o fim. Dentro dele, a luz contra a qual ele lutara tanto tempo, a fim de apagar, brilhou com uma chama nova e resoluta.

Ele jamais se esqueceria dos olhos de Klara quando estavam no aeroporto, enquanto ele gaguejava seu discurso decorado. Que ele achava que seria bom darem um tempo. Que seriam um fardo um para o outro. Que eles não deviam ver aquilo como um fim, mas como uma oportunidade. Eram boas razões, mas não eram verdade. Ela não disse nada. Nem uma palavra. E não desviou o olhar nem por um instante. Quando ele terminou de falar, ou quando as palavras finalmente lhe faltaram, todo o amor, toda a ternura, deixara os olhos de Klara. Ela o olhou com um desprezo tão impiedoso que lágrimas começaram a escorrer pelo rosto de Mahmoud. Então, Klara pegou as malas e seguiu até o guichê de check-in sem se virar. Isso fora havia três anos. Ele não falava com ela desde então.

Mahmoud inclinou-se em direção ao computador e abriu uma nova mensagem. Tamborilou no teclado. Era a única coisa em que pensava desde que fora convidado para aquela conferência em Bruxelas: devia entrar em contato com Klara. Mas não entrou. Não fora capaz de escrever para ela.

— Vamos lá, cara! — disse em voz alta para si mesmo. — Vamos lá!

Levou quase meia hora para redigir uma mensagem de apenas cinco linhas. Levou mais quinze minutos para apagar tudo que pudesse ser interpretado como ambiguidade, desespero ou referência a uma história à qual ele já não tinha acesso. Finalmente, respirou fundo e clicou em “enviar”.

* * *

Vinte minutos depois, a primeira coisa que viu quando deixou o prédio foi o Volvo cinza, parado em um estacionamento mal-iluminado junto ao rio. Quando desprendeu sua bicicleta, ouviu o motor ser ligado, viu os faróis se acenderem, e um cone de luz fantasmagórico iluminou o velho parapeito de metal ao longo do rio Fyris. Pela primeira vez em muito tempo, ele realmente sentiu medo.

É IMPOSSÍVEL ESCONDER QUEM VOCÊ REALMENTE É

Um ex-agente secreto que deseja apenas fugir do passado. Outrora um homem corajoso, o melhor entre seus pares, dedicou-se a seus objetivos a ponto de abandonar a filha recém-nascida para manter um disfarce.

Klara Walldéen foi criada pelos avós em uma ilha remota na Suécia. Assessora em início de carreira no Parlamento Europeu, em Bruxelas, aprende a cada dia os caminhos tortuosos da política internacional. E descobre que tudo é mais nebuloso e perigoso do que parece.

Klara encontra algo que não deveria e se torna alvo de pessoas muito poderosas, capazes de matá-la para manter um segredo. Em fuga, perseguida por toda a Europa sem saber por que ou por quem, apenas o ex-agente secreto poderá salvá-la. Mas, para isso, os dois precisarão revelar sua verdadeira identidade. E o tempo está se esgotando...

“Uma trama complexa, repleta de intriga e suspense crescentes. Impossível de parar de ler e surpreendente.”

KIRKUS REVIEWS

“Bem-escrito e cativante. Tenso e cheio de ação.”

BOOKLIST

